

Nacional

Na fronteira de Namaacha as importações estão a baixar

Pequenos importadores continuam a usar truques para escaparem ao fisco - acusam autoridades



Fronteira de Namaacha

Bernardo Álvaro

As autoridades moçambicanas dizem que pelo menos 350 toneladas de frutas diversas, com destaque para a laranja, passam diariamente no posto fronteiriço de Namaacha, província de Maputo, provenientes da vizinha Swazilândia com destino a diferentes países do espaço europeu através do corredor e porto de Maputo.

Um porta-voz das Alfândegas disse ao Canal de Moçambique que "por dia são registados entre 6 e 7 camiões-cavalos provenientes da Swazilândia, transportando cada um 50 toneladas de frutas cujo destino dado a conhecer pelas autoridades daquele país, é a Europa.

Contudo o mesmo porta-voz referiu que a tendência actual é da redução das importações, sobretudo da carne. A fonte justifica a queda do volume das importações com a alegada oscilação do câmbio da moeda. O trânsito de mercadorias está a ser afectado em ambos sentidos, ou seja, quer em Moçambique como nos países vizinhos.

Segundo a mesma fonte, a oferta existente nas cidades de Maputo e Matola, onde grandes

supermercados foram credenciados e actualmente oferecem produtos a preços relativamente mais baixos, se comparado com os custos de deslocações que as pessoas têm de fazer para os países vizinhos, está a reduzir o movimento fronteiriço.

Na verdade, alguns mukeristas ouvidos pela nossa reportagem apontaram a "falta de negócio".

"Não há negócio e o ambiente é este que o senhor está a testemunhar. As pessoas não estão a conseguir atravessar a fronteira", disse uma mulher que se dedica à venda das moedas moçambicana, swazi e sul-africana.

"Alfredo Chigulo, inspector-chefe Agro-Pecuário do Ministério da Agricultura, na fronteira de Namaacha, precisou que para além de frutas que entram para o país, aquele posto fronteiriço tem registado a entrada de pequenas quantidades de produtos alimentares, mormente a carne bovina".

Pequenos importadores usam truques para escaparem às taxas

De acordo com a fonte das Alfândegas, os pequenos importadores, para escaparem

aos pagamentos dos impostos aduaneiros, usam vários truques. Por dia atravessam muitas vezes a fronteira trazendo pequenas quantidades de produtos sobretudo carne e ovos.

Segundo o inspector Alfredo Chigulo, os mukeristas justificam que a "pequena quantidade de carne" importada serve para o consumo familiar. Para além de carne entram com ovos.

Não acreditamos que os produtos servem apenas para consumo

"Aqui trazem em pequenas quantidades, mas quando verificamos lá fora as quantidades são grandes para se acreditar que apenas se destinam a consumo familiar", observou o inspector.

Ele referiu que as alfândegas têm estado a apelar aos utentes da fronteira para legalizarem as suas actividades, adquirindo licenças. "O que acontece hoje em dia é que muitos se justificam alegando não conhecerem o regulamento da sanidade agro-pecuária em particular da sanidade animal e vegetal", disse Alfredo Chigulo.

Acrescentou que os pequenos importadores dizem não

existir divulgação dos regulamentos sobre a importação de produtos alimentares, sendo por isso que alegam apenas saberem que devem pagar os direitos aduaneiros e mais nada.

Na interpretação dos importadores, as pequenas quantidades não devem ser taxadas. Apenas as grandes importações.

Deficiente mecanismo de certificação de produtos banidos

As autoridades dizem ainda que não possuem um mecanismo de inspecção que possa travar a artimanha dos mukeristas, nem detectar a origem da carne. Por exemplo, a carne sul-africana, que há dois meses foi banida pelo Governo moçambicano, não se distingue da carne swazi, comentou.

Alfredo Chigulo disse apenas que as autoridades se baseiam em facturas de compra no país de origem para certificar de que a carne é swazi e não sul-africana.

"Mas aqui não é possível os importadores terem os certificados dos produtos", disse o inspector Chigulo, acrescentando que perto de 500 qui-

los de carne proveniente da Swazilândia que entra no país através daquela fronteira não se sabe que é toda da swazi. Pode ser da África do Sul.

"Não estou autorizado a falar" - comandante da Guarda Fronteira

Ouvido pela reportagem do Canal de Moçambique, o superintendente principal M.J. Salimo, comandante da Força da Guarda Fronteira em Namaacha, escusou-se a falar sobre o movimento das pessoas naquele ponto, alegando não estar autorizado a falar à Imprensa.

"Não estou autorizado a falar. A única resposta é que não posso falar nada do que está a acontecer aqui, porque não estou autorizado", concluiu Salimo.

O Governo acaba de concessionar a gestão do Terminal Internacional Rodoviária de Namaacha (TIRONA), com cerca de 9 mil metros quadrados a um privado, que vai pagar 15 por cento do total das receitas arrecadadas. Esse privado não foi identificado. (Canal de Moçambique)



Alfredo Chigulo, inspector-chefe Agro-Pecuário do Ministério da Agricultura, na fronteira de Namaacha